# Coletânea Conta Causos - Doutores da Alegria - Volume 1

# Conformation Coletânea Conformation Conformation Column (Column Column C





Simone Mendes Ilustração

Nem todo acontecimento cabe numa história. Mas aqui, nestes contos, o que se viveu virou memória. Agora você pode ler e reler, quantas vezes quiser, um pouco mais do que ocorre no encontro do palhaço com a criança nos hospitais onde atuam os Doutores da Alegria.

Para saber, mergulhe nas páginas deste livro!









### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coletânea conta causos / organização Arilson
Lopes, Luciano Pontes. -- 1. ed. -- São Paulo :
Doutores da Alegria, 2021.
Vários autores.
ISBN 978-85-98844-00-8
1. Literatura infantojuvenil I. Lopes, Arilson.
II. Pontes, Luciano.
21-81217 CDD-028.5

### Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129





# Samário

| O palhaço virou livro              | 8   |
|------------------------------------|-----|
| No desamparo se avista o arco-íris | 9   |
| As crianças borboletas             | 14  |
| Um jardim                          | 22  |
| O voo da sabiá                     | 30  |
| Abraçando o vento                  | 36  |
| Passando a perna                   | 42  |
| O fã tasma boo                     | 50  |
| Curumins e bobos                   | 58  |
| Quando nasce uma palhaça           | 66  |
| Oagem                              | 74  |
| Eu vi um rei                       | 82  |
| Cabelos de algodão                 | 88  |
| Escudo mágico                      | 96  |
| Um mar de gente                    | 104 |
| Sobre Doutores da Alegria          | 110 |
| Ficha Técnica                      | 111 |



Dedicamos este livro a todas as crianças que encontramos nos hospitais ao longo desses 30 anos de atuação dos Doutores da Alegria e com quem partilhamos tantas histórias e tantas alegrias.

# Apresentação

### O PALHAÇO VIROU LIVRO

A associação Doutores da Alegria tem o prazer de apresentar a Coletânea Conta Causos, um livro com as histórias e as experiências engraçadas e lúdicas que palhaços e palhaças colocam no papel na forma de relatórios cheios de vida e de imagens fantásticas. Agora esses relatórios se transformaram em causos pelo olhar poético dos/ das artistas.

O palhaço que brinca de médico nos hospitais públicos virou livro e vai nos apresentar, de uma forma sensível e mágica, personagens reais que em nosso dia a dia jamais encontraríamos, porque o mundo é grande, e não dá para conhecer todo mundo. Então, este livro é uma forma de dar luz a histórias anônimas, mas que são tão ricas e importantes para quem as viveu que também esperamos que elas sejam assim para você que vai lê-las.

O contar causo, através da escrita do palhaço, é brincar com as palavras, é colorir os corredores dos hospitais, é se emocionar e nos inspirar a olhar o mundo de outra forma, com mais poesia e humor.

A Instituição Doutores da Alegria deseja que você aproveite esse livro e se divirta com as aventuras do palhaço que brinca de médico e que conta seus causos.

Ronaldo Aguiar Diretor artístico



### **NO DESAMPARO SE AVISTA O ARCO-ÍRIS**

Quando deixei a casa de meus pais e avôs, no Crato, para estudar medicina em Recife, achei que se partia um fio narrativo que me alimentava desde a infância. No lugar de onde eu vinha, as pessoas amayam contar suas histórias e punham nelas inquietações e ideias sobre a arte de viver. Felizmente, meus receios não se cumpriram. Nas enfermarias de hospitais e em consultórios, convivi com a dor e o desespero, a alegria e a superação, a coragem e o medo da morte. Durante anos, acompanhei e ouvi pessoas que me confiaram seus relatos, tornando-me mais rico de narrativas, experiência e conhecimento.

No atendimento aos que carecem de ajuda, lançamos mão de três remédios bem simples, mas essenciais para a cura: olhar, ouvir e tocar. Quando possível, acrescentamos a esses três dons

uma fórmula mágica infalível: o riso. Quem ri aceita com mais facilidade o inaceitável.

Luciano Pontes pensa assim, e até se imagina um Bobo a serviço das crianças enfermas, como os antigos narradores indianos que diziam: eu sou fútil, útil e instrutivo. Você acha que os bobos só falam disparates e nunca devemos considerar suas observações? Que é melhor obedecer à regra: a palavras loucas ouvidos moucos?

Os Doutores da Alegria sabem que o Bobo simboliza a voz reprimida dos mais fracos, buscam ajudar aqueles que sofrem e muitas vezes nem conseguem falar. Movimentam-se com o nariz vermelho de palhaço, os sapatos onde caberiam dois pés e os jalecos brancos pelos corredores, enfermarias e UTIs de hospitais, levando um hausto de alegria aos que têm motivo de sobra para a

No desamparo se avista o arco-íris

tristeza. E, como se não bastasse o corre-corre diário, os bobos agora escrevem e publicam relatos de suas experiências em cenários de dor e esperança.

Abraçando o vento, Luciana Pontual registrou em prosa-poesia a história da menina Iza quase semente, e de sua mãe quase árvore. Quando Luciana narra que "só se ouvia o som do oceano emoldurado pelos olhos da mãe", nossos olhos de leitores marejam, pois descobrimos que a perda é comum a todas as pessoas. Arilson Lopes salpica de felicidade sua história, nela assume o lugar de narrador logrado, redimido no parágrafo final por um aceno e um beijo. Greyce Braga fala de um lugar secreto onde Dona Rosa, a senhora de cabelos de algodão, não deseja entrar, analogia ao conto tradicional em que um lugar da casa misteriosa não pode ser visitado, sob risco de se

perder a vida.

E assim vai, e assim prosseguimos com a alegre fantasmagoria de Fábio Caio, um palhaco abestalhado que nos apresenta o ofício cotidiano de distrair a solidão e o isolamento. Na página seguinte, tornamos a nos comover e a chorar com o doloroso e poético relato de Marcelino Dias sobre a valente Valentina e seu voo com aceno de regresso.

Leio as narrativas todas, abismado com a sensibilidade desses doutores palhaços. Menciono apenas algumas para não tomar o espaço dos narradores. Finalizo com Wagner Montenegro plantando um jardim de flores de plástico na janela de um hospital, onde imaginamos só brotar o desespero. Mas ali elas também vicejam, colorem e fazem aparecer um arco-íris.

– Um arco-íris dentro de um hospital, será possível? Me pergunto e lembro umahistória antiga.

Um grande mestre da tradição hassídica era ainda criança quando alguém lhe disse, brincando:

- Eu lhe dou um florim se você disser onde Deus mora.
  - E eu respondeu a criança
- The dou dois florins se me disser onde Deus não mora.

Sim, esses doutores palhaços se esforçam para que todos vejam o arco-íris luminoso, nítido em suas sete cores, acenando de longe.

As visões nascem daqueles que as olham.

Ronaldo Correia de Brito Escritor e médico



No desamparo se avista o arco-íris

# 



# ASS CRIANCAS BERBELFETAS

Já estava amanhecendo, os pássaros coloridos cantarolavam dando bom dia. Fui correndo para mesa tomar café da manhã que meu pai tinha acabado de preparar. Leite, ovo e pão. Eu me chamo José e tenho 10 anos. Moro na serra, as casas são perto das maiores pedras do mundo, tem pé de algaroba, açude com muitos peixes, preás, tatus, muitas borboletas e noites estreladas. Naquela manhã, meu pai sentou à mesa, olhou bem dentro dos meus olhos, pegou minhas mãos e levou até minhas costas e disse:

— Você está sentindo, José? Suas asas já estão nascendo, filho.

Onde moro, algumas crianças viram borboletas, eu não entendia muito bem como essa transformação acontecia, depois do café, meu pai disse que a gente

precisava ir ao hospital, mas eu nem sei o que é hospital. Logo corri para janela e perguntei ao preá se ele já tinha ido a algum hospital, e ele disse que o mais perto é na cidade grande. Falando com o urubu, consultei se ele sabia como era um hospital, ele disse que é um prédio grande e com muitas janelas. A coruja disse que é um lugar que as pessoas vão se cuidar e algumas viram borboletas. Eu e meu pai nos arrumamos e corremos para a estação tobogã, só lá tem um transporte que escorrega direto para o hospital. Escorregamos no tobogã e logo já estávamos no hospital. Pelos corredores, pessoas passavam apressadas empurrando camas com rodas, e tinham várias crianças com gesso no pé, deviam ter ido limpar o chulé, ouvi dizer

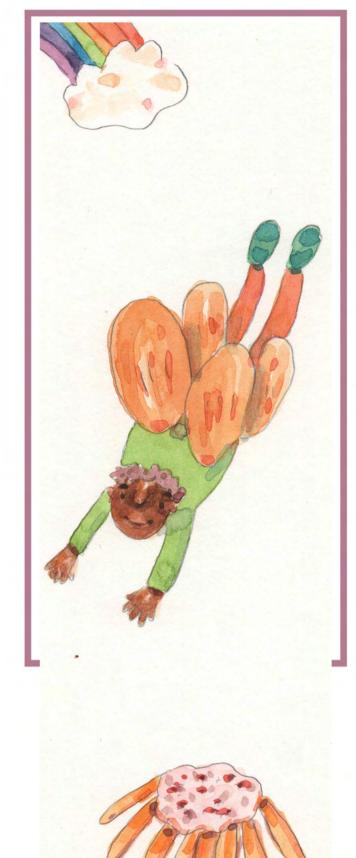
também que no hospital é onde se trata pulga atrás da orelha, caspa no joelho e miolo mole. Fui atendido pelo doutor Marmelo, um médico com nariz vermelho, calcas gigantes e muito bobo, sua cabeça batia no teto do hospital. O doutor palhaço disse que as crianças que viram borboletas têm a grande função de levantar o sol todos os dias de manhã. Meu pai foi para o canto da sala e começou a chorar.

- O que foi, pai? O senhor está triste?
- Quando você virar borboleta, filho, vai morar em algum jardim. Vou sentir saudade.

Passei alguns dias dentro do hospital, sentia algumas dores nas costas, mas o doutor disse que era normal, doía um pouco para as asas saírem.

- Pai, quando vamos andar de metrô aqui dentro do hospital?
- Não é metrô, filho, é elevador.





- Hoje a doutora veio com muitas agulhas fritas.
- Não são agulhas fritas, são agulhas de injeção, José.
- Olha, pai, temos que chamar o encanador, meu soro está com goteiras.
- O soro tem que pingar, filho. Ele não está quebrado.
- Pai, por que os médicos usam roupas brancas? Eles parecem umas tapiocas de coco.

Eu e meu pai ríamos bastante, assim eram os dias dentro do hospital na cidade grande. Os minutos antes de virar borboleta, passei deitado na cama, eu me sentia muito leve, quase flutuando igual a uma nuvem, também eu comecei a suar, parecia com o riacho que passa lá na frente de casa, comecei a sentir meus pés gelados, igual a um picolé de coco e minha respiração foi ficando leve, igual ao vento que balança minha pipa no ar. Doutor Marmelo disse

que eu já estava virando borboleta. Quando fechei os olhos, vi muitas estrelas brilhando. Não sabia que virar borboleta fosse tão legal. No meio das estrelas ouvi a voz do meu pai dizendo:

— Vai, filho! Você vai ser amigo dos pássaros e das flores.

De repente, duas asas surgiram nas minhas costas e já fui logo voando por dentro do hospital. Logo em seguida, meu pai agradeceu ao doutor Marmelo por cuidar de mim e voltamos para casa. Já em casa, bati minhas asas pela sala, pela cozinha e pelo quarto, meu pai disse que tinha uma surpresa para mim. Quando olhei pela janela, me deparei com um jardim lindo, cheio de flores e várias borboletas me esperando para seguir em direção à montanha, pois já estava na hora de levantar o sol.

— Vai, filho, vou olhar todo dia para teu espetáculo no alto da



As Crianças Borboletas

serra. Todo dia, vou esperar aqui do quintal o sol aparecer.

Voei por cima do meu pai e pousei no nariz dele. Ele sorriu. Fiquei bem pertinho do olho dele e nos olhamos profundamente:

- Muito obrigado pelo cuidado, meu pai.
- Muito obrigado por deixar ser cuidado, meu filho. Agora você está mais livre, igual a uma borboleta.

Ainda no nariz dele, me levou até a janela: voa, filho. Bati asas e fui ao encontro de novas amigas borboletas e fomos voando em direção a serra, pois o dia já ia nascer.





As Crianças Borboletas

### Marcelo Oliveira

Quando eu era criança, morava em uma cidade rodeada de montanhas de pedras, igual à do José. Quando o parque e o circo chegavam na cidade, era o momento que eu mais me divertia. Amava fazer amizade com os artistas e donos dos parques. Também gostava de visitar minha vó no meio do mato, o céu da casa dela era mais estrelado.

Um Fardin



# Um Tandim

Um dia... Tem sempre um dia em todas as histórias. Um dia, um certo Ninguém vagou de casa até o seu trabalho, onde usava um jaleco branco. Nesse dia, ele estava com o bolso cheio de flores de plástico pequeninas, daquelas que vivem solitárias em vasinhos coloridos. Era a sua surpresa para o Lucas. Até então, o menino só tinha três flores solitárias em vasos coloridos para cuidar. Desta vez, receberia mais de quinze. Quinze?! Flor é assim: se a gente cuida direitinho, nascem outras, até mesmo de brinquedo.

Antes de entrar no lugar em que estava o Lucas, o Ninguém olhou primeiro pela janela estreita em que o menino guardava os seus vasos de flores coloridas. A cama dele ficava encostada àquela janela, e o sujeito esquisito de jaleco branco sabia que o



menino levava um bom tempo olhando para o jardim. Às vezes, se distraía tanto que parecia até que não pensava em nada, nadinha mesmo, feito quando estamos com a cabeça nas nuvens.

As flores que trazia no bolso não paravam de tagarelar umas com as outras. Elas queriam muito - muito mesmo - conhecer o menino que cuidava de um jardim que crescia num lugar improvável: uma janela de hospital.

Fazia tempo que o menino estava naquele lugar. Ali já tinha virado a sua segunda casa. Era lá que ele dormia e sonhava, acordava e comia, aprendia as lições da escola e criava um monte de histórias para contar a quem quisesse ouvir.

Uma parenta do menino, que na época se abrigava numa cadeira macia feito algodão-doce ao lado de sua cama, pediu que o Ninguém entrasse no quarto



Um Jardim

sussurrando para não acordar as flores que estavam dormindo na janela. E não é que o sujeito, besta que só ele, acreditou que elas estavam mesmo num sono profundo?!

Um dia... Tem sempre um dia em todas as histórias... havia uma manhã muito ensolarada no jardim do Lucas, apesar de estar nublado no restante do quarto. Que estranho... não havia nenhum arco-íris por perto... Os arco-íris costumam aparecer em dias nublados, no exato encontro das

nuvens da chuva com os rajos de sol. No jardim do menino havia sol. No quarto, nuvens carregadas. Mas não havia arco-íris... Será que era alguma mensagem criptografada? Algum sinal vindo dos céus?

Dizem que quem passa por baixo de um arco-íris pode realizar desejos. Será que isso é verdade? Como saber, se toda vez que alguém corre para perto do arcoíris, ele se afasta cada vez mais? Impossível que seja verdade.

Se o Ninguém soubesse que encontraria o quarto daquele jeito,



teria levado um arco-íris no bolso. talvez tivesse conseguido realizar ao menos um dos tantos desejos do Lucas. Mas só havia flores de plástico coloridas.

Uma música baixinha começou a ser cantarolada por ninguém mais ninguém menos que o doutor Ninguém. A cada verso, uma flor pulava do bolso do jaleco e se acomodava na janela. O sorriso de Lucas fazia as flores silenciarem seu tagarelar. O jardim, que até então era chocho, acanhado, ficou gigante como as nuvens de chuva e brilhante como o feixe de luz de um arco-íris.

Um dia... Tem sempre um dia em todas as histórias. Um dia, Lucas não estava mais naquele lugar. A cama em que o menino costumava dormir estava vazia. e a janela não tinha mais aquele jardim. Ninguém entendeu que Lucas já havia nascido sabendo cuidar de flor e que, provavelmente,



Um Jardim





foi cuidar dos jardins de Muito, Muito Longe.

Desde então, o sujeito
anuviado só sai de casa se estiver
levando consigo um arco-íris no
bolso do jaleco branco, mesmo
sabendo que não vai encontrar
o menino naquele quarto. Talvez
o próprio Lucas tenha virado um
arco-íris e esteja realizando desejos
por aí.



# Wagner Montenegro

Ganhei esse nome bem depois que nasci. Antes disso eu não tinha nome. Era ninguém. Desde criança, minha mãe me ensina a cuidar de flor. As plantas têm o seu próprio tempo, é preciso regar na hora certa. Escrevo mais do que falo e vivo entre livros, filmes, músicas e histórias.

# O Voo da Sabia



# O Voo da Sabia

Quem nunca sonhou em voar? Num balão gigante ou em vários balões coloridos, num grande pássaro de ferro chamado avião, ou num foguete para chegar até a lua? Mas o bom mesmo é quando voamos nas asas da imaginação ou nos sonhos, aí sim não precisa de balão, foguete ou avião. E quando soltamos as asas do pensamento voamos como os pássaros que bailam na imensidão do céu azul. A cada encontro, voamos ao sabor dos ventos e lá de cima podemos apreciar as belezas do mundo.

Certo dia, sobrevoando aquele lugar onde cuidam da gente quando adoecemos um pouco mais grave, avistamos a Valentina, uma garota que fazia por merecer seu nome como uma verdadeira valente. No primeiro momento,

ficamos na dúvida se alçaríamos algum voo. Ela estava deitada numa cama como um filhotinho de pássaro em seu ninho, sob o olhar atento e vigilante de sua mãe. Entramos e iniciamos um primeiro contato. Foi aí que um passarinho verde, companheiro de nuvens de quem gosta de imaginar, assoviou no ouvido a canção que conta que uma sabiá que estava presa numa gaiola, fez um buraquinho e voou bem longe. Indo lá para as bandas de um terreiro que tinha um abacateiro onde ela pousou para descansar. Mas a menina que ficou começou a chorar e logo pôs-se a chamar pela sabiá:

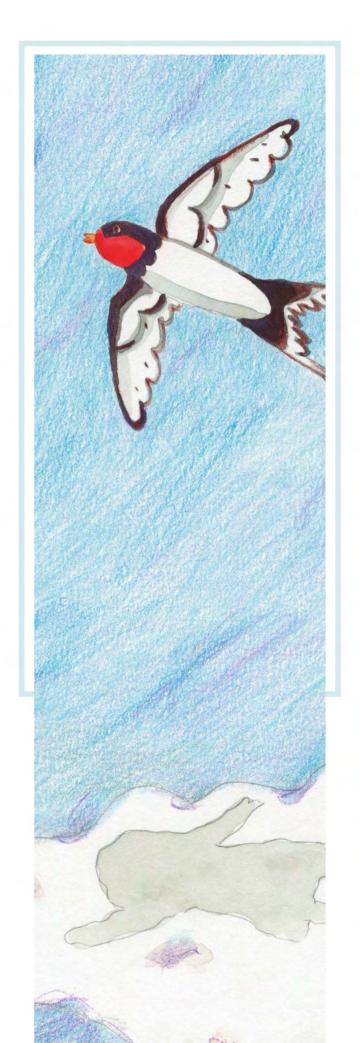
— Vem cá, sabiá, vem cá...

Não demorou muito, a sabiá já pairava naquele lugar. Convidamos a Valentina para chamar junto, e ela nos surpreendeu entrando na

música e chamando a sabiá, tal qual a menina da canção. Foi uma surpresa e assim voamos à procura da sabiá. Fomos tão alto, mas tão alto, que pudemos ver aquele lugar onde estávamos lá embaixo, bem pequenininhos.

Para o próximo voo, era preciso uma limpeza nas asas da imaginação, queríamos voar mais uma vez com a valente Valentina, e dessa vez havia uma surpresa: um outro pássaro pequeno de pele plástica cor-de-rosa. Sim, no infinito da nossa imaginação, os pássaros podem ser de qualquer cor e, numa grande conspiração do acaso, o pequeno pássaro da pele rosa combinava com a roupa da Valentina. "Ela adora rosa", afirmou a mãe. Nesse dia, ela estava cercada por toda sua família, e assim fomos todos juntos em busca do pássaro.

Voamos em bando num encontro leve como uma brisa



morna que sustenta o voo dos pássaros numa manhã de primavera. O pequeno pássaro de pele plástica cor-de-rosa fez ninho na mão da Valentina, que segurava o bichinho com tanto cuidado e carinho que nos deu a certeza de que aquele pássaro achou o seu lugar.

Naquela mesma tarde, Valentina alçou seu voo, e só então percebemos que ela não era como a menina da canção, mas como a própria sabiá que fugiu da gaiola. Saímos de lá nas asas desse pássaro que, embora aprisionado numa cama, soltou seu canto e, por alguns instantes, nos fez voar na imensidão azul. E seguimos confiantes no verso final da canção que diz:

- Não chore que eu vou voltar.

E não é que voltou!

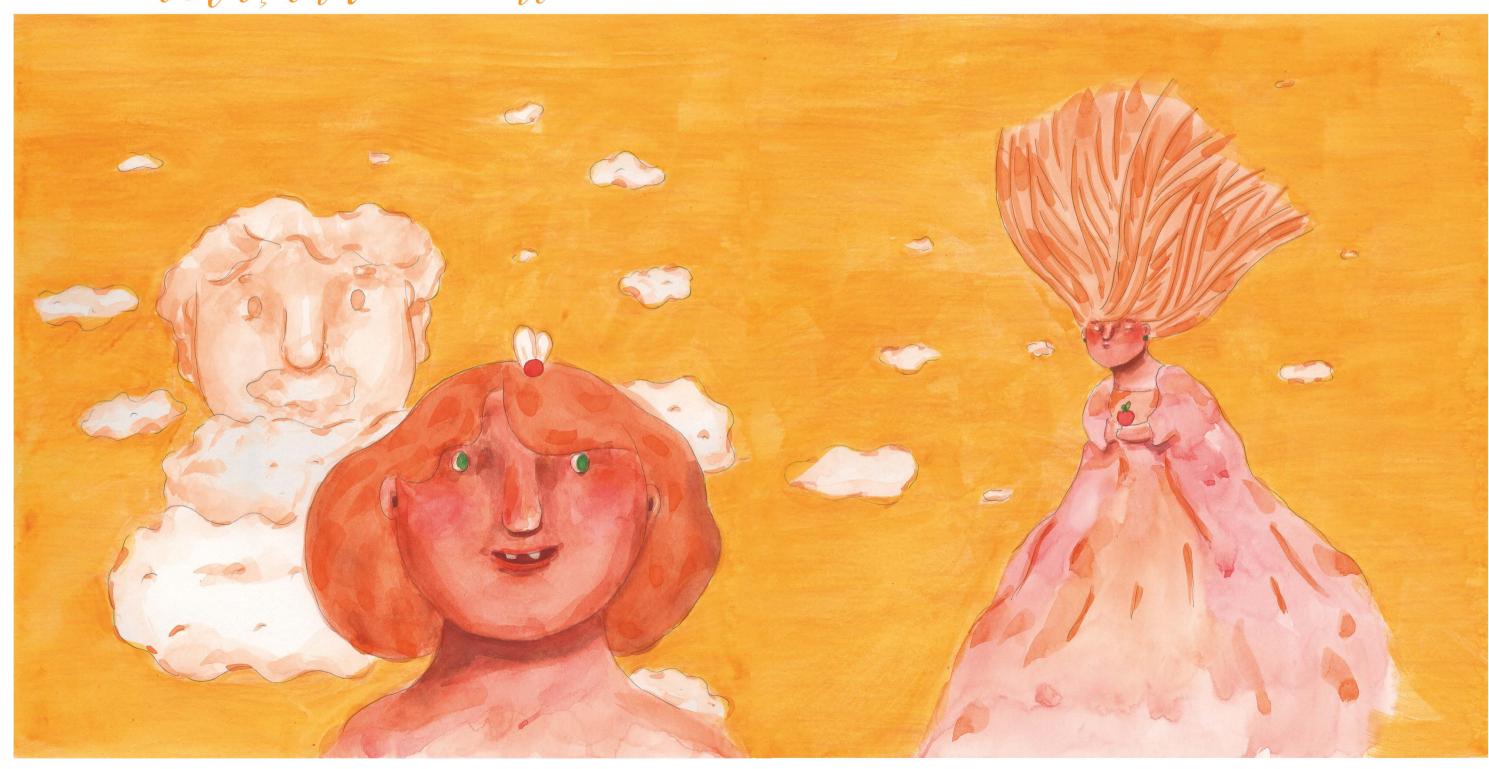




### Marcelino Dias

Nasci sob o signo da imaginação, sonhar era meu alimento; voar, meu destino. Desde menino meu palco era a caixa d'água da casa do meu avô, lá ficava mais pertinho do céu e dos pássaros na imensidão do azul. Minha mente escrevia meu futuro, já imaginava ser ator, palhaço e sempre menino pra junto com outras crianças continuar a voar.

# Abraçando o Vento



# Abraçando o Vento

A menina tinha um sorriso de dentes miúdos que, como o sol, iluminava o dia. Na cabeça, um laço de fita que enchia a vista de poesia. Olhar curioso, comia com os olhos tudo o que via. Sentada na cama, espremia as bochechas quando sorria.

Iza parecia uma semente, só que maior; sua mãe parecia uma árvore, só que menor. Elas estavam longe de casa, em um quarto silencioso de paredes cansadas. As janelas sem paisagens ficavam sempre tristes. Exceto quando o sol, insistente, refletia na vidraça, trazendo o dia.

No andar de cima, morava o Senhor do Tempo. Um senhor sonolento, com barba cor de nuvem e algodão. Às vezes, com o fuso confuso. Dorme quando a gente acorda e acorda quando a

gente dorme e vice-versa. Nesse lugar, o Tempo não brinca de correcorre, ele gira seus ponteiros bem lentamente.

Pela manhã, entra uma moça com uma bandeja, troca o curativo do dodói na barriga e faz perguntas engraçadas;

- Você já fez cocôxixi hoje? E xixicocô?

Elas também recebem outras visitas que dão o ar de sua graça. Eles têm os narizes vermelhos e usam sapatos maiores que os pés. Juntos falam de coisas bobas que colorem os dias.

Só que nesse dia, Iza estava dormindo, sua mãe, plantada ao lado, de olhos bem abertos, igual coruja, fazendo carinho na sua barriga pequenina.

> Eles tiraram do bolso um piano sem cauda e tocaram uma

música baixinho.

Iza foi acordando, franzindo o rosto e disse que sua barriquinha estava doendo. A música do piano parou, tudo ficou em silêncio. Só se ouvia o som do oceano emoldurado pelos olhos da sua mãe. Banhando tudo por dentro.

A menina estava ficando sem ar. A máquina de oxigênio que ficava ao lado de sua cama já não lhe emprestava o suficiente.

Nesse momento, começaram a crescer raízes nos pés da sua mãe, rasgando a terra e deixando eles

bem firmes no chão. Seu tronco foi se fortalecendo e seus braços se transformaram em grandes galhos, para que lza pudesse morar para sempre no seu abraco.

Os amigos de sapatos maiores que os pés se despediram e pela mesma porta entrou sereno o Senhor do Tempo. A mãe sentiu seu coração se derramar. Beijou sua filha e falou que a dor ia passar.

O Tempo abriu as janelas do quarto para que Iza fosse se juntar ao vento.

A mãe que parecia uma



Abraçando o Vento

árvore, só que menor, rodopiou e quando já estava perto do chão, o Senhor do Tempo lhe deu as mãos. Disse que algumas folhas irão cair, mas que na primavera ela floresceria.

Faça chuva ou faça sol, a mãe Árvore, agora gigante, dorme e acorda com os galhos abertos, sempre prontos para abraçar o vento e, quando sente saudades, rega a terra com os olhos, mas logo lembra que toda criança sonha em ter uma casa na árvore. E fica feliz por continuar sendo o lar de Iza.





# Luciana Pontual

Desde quando eu era do tamanho de uma semente, já dizia que iria ser atriz. Passava o dia ouvindo discos compactos de contos de fadas ou sentada no quintal embaixo de um pé de seriguela, deixando a imaginação esvoejar. Hoje eu crio minhas próprias histórias, posso escolher se serão felizes ou tristes. Tenho o superpoder de apagar e recomeçar.

# Passando a Perna





## Passando a Perna

Sabe aquela criança bem criança, que se pudesse desacelerava o tempo para não crescer logo e aproveitar melhor cada segundinho da vida? Essa pequena era a Bia. A cama onde ela, por enquanto morava, parecia um bicho de pelúcia gigante. Seus lençóis e travesseiros eram coloridos, peludos e fofos. Só a cabeça dela é que estava para fora, como se estivesse dentro de um empadão de fofura.

Para entrar ali era preciso uma permissão, mas foi só em ver uma daquelas criaturas pela pequena janela de vidro ao lado da porta, que a Bia abriu um sorriso do tamanho de um campo de futebol. Era a senha secreta para chegar até ela. E parece que enviaram as maiores criaturas que existem na "rua dos bobos número zero",

porque eram dois gigantes que mais pareciam dois pés de coco.

Um deles estava todo empacotado como embrulho. Se achava o bonitão, mas além de ter o cabelo de escorrego, tinha pelos no sovaco que mais pareciam um ramo de alface. Já o outro, parecia um botijão de água amarrado, usava uma calça batendo até os peitos e tinha um tufo de cabelos na franja que balançava ao vento. Entraram para encontrar a Bia cantando com uma voz suave parecendo rádio no volume baixo. Foi o suficiente para a menina esquecer que estava ali quietinha debaixo do empadão de fofura e começar, no ritmo da música, a mexer apenas um dos pés que estava para fora do cobertor, feito um para-brisa de carro.

O que teria acontecido com o

outro pé? Será que está dormindo ou então com muito frio enrolado na fofura?

No auge do momento, bem no meio da danca, Bia lembrou de algo e quis falar interrompendo a música para o pronunciamento:

— EU FIZ MINHA CIRURGIA!!

De repente o som parou, a dança parou, tudo parou! Até o relógio acabou parando! Um daqueles coqueiros altos, o que tinha cabelo de escorrego, balançou o braço do sovaco cabeludo, marcou o passo, estufou o peito que nem um Galo da Madrugada cheio de ar e carcarejou:

— Olha, ela fez uma "girurgia"! E foi explicar o significado. Rodopiou seu corpo feito um pião e se abaixou até o chão como um sapo, dizendo: "giro, gia!".

- Não, menino! Foi uma cirurgia de verdade, deixa eu mostrar!



A Bia foi retirando cobertor por cobertor, e as duas criaturas ficaram só olhando o acontecimento. Imaginavam, cada um com sua cabeça de coco, o que veriam por debaixo dos lençóis. Um pensava alto de lá:

— Deve ser um curativo enfaixado amarrado com um laço.

O outro também pensava alto de cá:

— Será que ela pintou os dedos dos pés com cores berrantes que só de mexer eles gritam?

Nada que eles pensavam ser

foi de fato o que tinha acontecido com a cirurgia da Bia. O da calça até os peitos foi logo alertando que era o mais frouxo, que não podia ver um ferimento que a vista escurecia. E o de cabelo de escorrego, mais mole que um sorvete derretido, adiantou que não precisava mostrar e se agarrou de olhos fechados a um porta-soro, tremendo de medo.

Foi tarde, a Bia já mostrava para eles o que aconteceu na sua cirurgia: estava apenas com uma das pernas. A outra foi separada



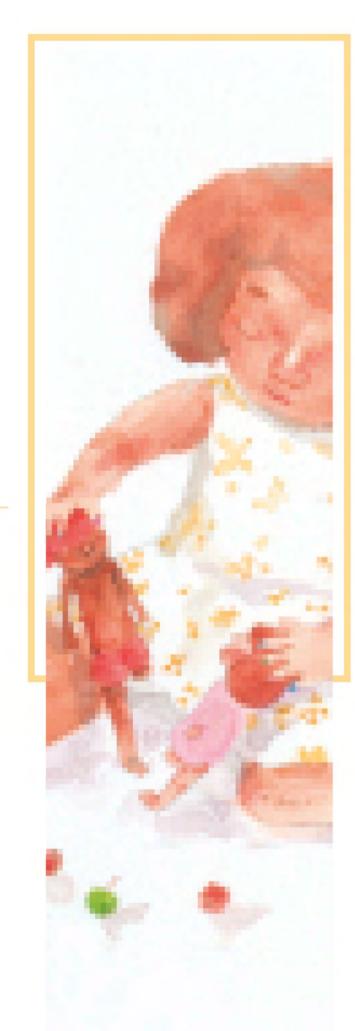


do seu corpo, como o que aconteceu com o saci-pererê, que brinca e pula com uma perna só. A Bia mostrou e falou disso com seu sorriso do tamanho de um estádio de futebol.

Sem muito pensar, a criatura de cabelo de escorrego começou a procurar por vários lugares, por baixo da cama, atrás da porta, por baixo do colchão. Bia, curiosa, perguntou o que ele estava procurando e ele falou que procurava a outra perna. Ela já impaciente explicou:

- Calma, menino! O médico só separou a parte da minha perna que estava doente. Quando eu sair do hospital, vou continuar me cuidando e mais tarde vou poder andar normalmente, correr e brincar como toda criança, viu?!

Foi desse jeito que Bia acabou passando a perna naqueles dois bobões, ou melhor, naquelas duas



criaturas que mais pareciam um pé de coco. E saíram, os dois, pulando de felicidade por dentro como um saci-pererê.



Sempre fui muito curioso e adorava fuçar em tudo. Quando criança adorava ler gibis, almanaques e contos na época do colégio. Mais tarde me interessei pela leitura de jornais e revistas de gêneros diversos. O tempo passou a perna em mim, e hoje eu que escrevi o meu primeiro conto.

# Ofå tasina boo



# Ofa tasina boo

Quase todo mundo, pelo menos uma vez na vida, já acordou no meio da noite assustado com alguma coisa. Comigo, abrir os olhos e dar de cara com a noite silenciosa e obscura, fazia meu coração acelerar forte no peito, parecendo até que iria sair pela boca. Quando se é muito pequeno, é só abrir o berreiro que sempre dá certo: vem o pai, vem a mãe ou uma pessoa com menos medo que a gente para nos tirar do sufoco. Depois a gente vai aprendendo que essa não pode ser a única solução para lidar com o medo e vamos descobrindo uma maneira de manter a calma. Mas medo é medo, uma coisa difícil de explicar, mas que todo mundo sente.

Naquele dia Anderson estava assim, assustado, que é uma espécie de medo, só que um

pouco menor. Era a primeira vez que estava naquele lugar. Parado no longo corredor, olhava para os quartos cheios de camas com outras crianças nelas. Foi quando viu se aproximarem duas pessoas estranhas, que pareciam não habitar aquele lugar. Ele nem se arriscou a saber quem eram, enfiando o rosto na saia da mãe. O menino percebeu rapidamente que um deles tinha um sapato muito grande; e a outra, umas meias cheias de bolas coloridas. Percebeu também, pelo canto do olho, que eles entraram em um daqueles quartos e que as crianças começaram a chamá-los querendo brincar. Por um momento esqueceu aquele medo que sentia, embalado pela dança esquisita e pela música que as duas pessoas estranhas faziam soar ao longe.

O tempo demorava a passar naquele lugar, mas as horas foram se transformando em dias e os dias em semanas. Anderson já corria pelos corredores, já tinha amigos e aqueles dois não eram mais estranhos, apesar de um estar sempre com roupas bem folgadas e tentar esconder a careca com uma peruca desgrenhada e a outra magricela que só uma muriçoca vestir roupas apertadas com cara de fuinha. Certa vez se encontraram no corredor, e Anderson foi logo propondo a brincadeira do dia:

- Não! Não estou aqui. Estou na enfermaria!
- Como assim na enfermaria, se estamos vendo você aqui? Mas ele assegurou que não estava AQUI, estava LÁ!

As duas criaturas estranhas correram para ver se ele estava mesmo LÁ! Atrapalharam-se um pouco no corredor e, quando se



O Fã Tasma Boc

deram conta, o menino já não
estava mais onde antes estivera.
Ao chegarem ao quarto, viram que
ele estava mesmo LÁ deitado numa
das camas!

Escondia um sorriso meio fugitivo no canto da boca. Então confessou, muito sério, que na verdade era um fantasma. Nossa que medo! Um dos garotos que assistia a tudo, disse que não estava vivo e era um fantasma também! Os bobos ficaram correndo de um lado para o outro, enquanto os fantasmas os

assustavam, até que tiveram a triste ideia de dizer:

— Ainda bem que fantasmas não descem da cama!

E nessa hora os meninos

desceram cobertos pelos lençóis,

com os braços esticados para

frente fazendo booo, booo... Claro

que os dois bobos fugiram dali

o mais depressa que puderam,

deixando para trás um eco de

risada dos fantasmas.

O tempo agora já passava mais rápido, as horas foram se transformando em dias, até o dia





em que não encontraram mais fantasma naquele lugar. Apenas o próprio Anderson, companheiro de tantas aventuras vividas ali.

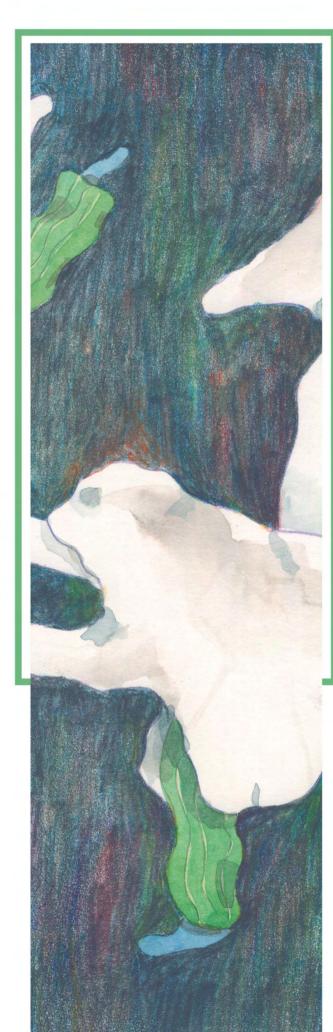
- Vou embora, disse ele para aqueles dois que agora não eram mais estranhos.
- Como assim? Embora?

  Quem deu alta?
  - A doutora!

Os dois abestalhados ficaram procurando por todos os cantos para ver se viam a outra doutora, pois julgavam ser um fantasma também, por sinal muito conhecida no hospital como a "médica do banheiro".

O Fã Tasma

Anderson, desfazendo a ilusão, disse que tinha sido uma médica de verdade, de carne e osso, mais osso do que carne, que disse que ele já podia juntar suas coisas e partir destino a sua casa. Os dois bobos ficaram quase estátuas com a notícia até o garoto dizer que ficava mais um pouco



com eles. Apertou os dois em um abraço e seguiram os três naquele dia aproveitando cada segundo.
Agora, os ponteiros do relógio pareciam desacelerar, para dar tempo de reviverem um pouco de tudo.

E o medo? Ah, do medo dos primeiros dias não sobrou nem um fiapo.



Quando eu era criança adorava história de dar medo. Juntava os irmãos e primos, e cada um que contasse uma história de arrepiar. Eu sempre surpreendia, pois criava bonecos usando travesseiros, roupas e lençóis, apresentando "monstros e fantasmas" para ilustrar minhas histórias.

Farra garantida!

Fabio Cgio

# Eugunins & Bobos



# Eurumins & Bobos

Eram três criaturas esquisitas. Não... Eram diferentes. Talvez nem isso... Eram divertidamente coloridas. Isso mesmo: coloridas! Quando esse trio estava junto, parecia uma caixa de lápis de cor andante. Dos três, uma delas, mais fofa que um algodão, se vestia de amarelo, dos pés à cabeça, parecia uma gema de ovo de tão amarela. Uma outra presença no trio era um grandalhão do tamanho de um prédio de dois andares, era preciso olhar bem para cima quando falasse com ele. A terceira criatura do trio, era outro ser das alturas. Tinha uma perna de seriema e era quase dois metros só de calça com camisa de bolinhas. Eram diferentes, mas traziam no rosto um nariz redondo e vermelho, o que os fazia parecer da mesma família. Só de olhar, dava vontade

de brincar.

Esse trio caixa-de-lápis-decor chamava atenção por onde passava, mas, certo dia, o contrário aconteceu. A criatura de amarelo ofuscante se deparou com um outro trio, que parecia com uma família de passarinhos cuidando do ninho quando a cria é ainda pequena. Os três tinham quase a mesma fisionomia: cabelos bem pretos escorridos feito macarrão saído da água, olhos puxados e a pele sem medo do sol. Ali estava uma família indígena. Era uma visão surpreendente e aconchegante: uma mãe com uma criança, ou melhor, um curumim, como assim chamavam os pequenos, dentro de um berço de ferro com grades altas e o pai ao lado, bem coladinho ao berço. Parecia até que estava esperando

uma chance para entrar também naquele aconchego.

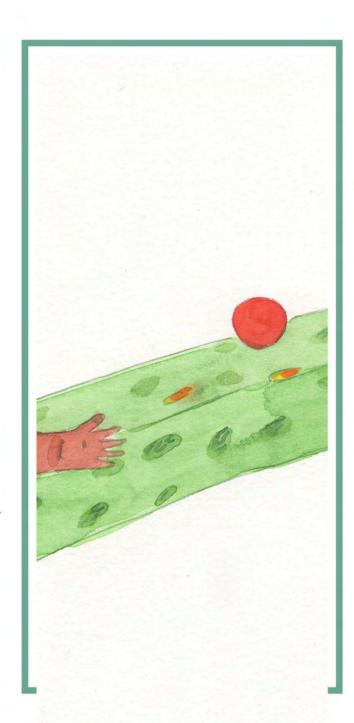
Na primeira troca de olhares, o trio lápis-de-cor logo percebeu que eles vinham de outro chão. O branco das paredes, as janelas de metal e vidro e as camas bem forradas daquele lugar até que acolhiam bem a família. Mas as cores que chegavam com o trio é que traziam um brilho especial aos olhos de quem via.

As três criaturas coloridas
começaram uma brincadeira,
onde em vez de falar assoviavam,
imitando vários tipos de sons de
pássaros. Em que lugar tinham
aprendido a cantar como os bichos
de pena? Será que pássaros
abrem escolas de canto? De todos
os bichos imitados, a arara era
o que mais encantava o pai, que
abriu um sorrisão como uma lua
minguante — parecia ver, de
verdade, o bicho ali na sua frente.

A brincadeira andava tão



Curumins e Bobos



solta que até o pai quis mostrar que também sabia imitar o som dos pássaros, como costumava fazer com seu povo. Ele dançou batendo os pés no chão e cantou baixinho, mas era como se muitas vozes estivessem cantando com ele, um coral de gente. Era mágico! Naquele momento, o trio lápisde-cor ficou mais bobo — os narizes redondos e vermelhos pareciam acender e piscar. Além de arrepios de alegria, sentia como se as pedras do piso do lugar começassem a soltar uma da outra e o chão fosse ficando uma terra marrom fofinha. Parecia ainda que o telhado tinha se transformado em palhas entrelaçadas caindo pelas janelas e a estrutura de ferro passasse a ser de madeira.

A dança era contagiante. Uma cabecinha se levantou do berço. Era Zenzo, um curumim. Surgiu como um passarinho curioso procurando uma vista além do

ninho. Outra se erqueu também — era a mãe. Do seu cantinho se alegraram com a festa que tomava conta daquela oca onde uma aldeia improvável nasceu: três bobos, um pai, uma mãe e um curumim. As caras pintadas, narizes vermelhos e jalecos brancos se misturaram às pinturas invisíveis nos corpos daquela família cheios de símbolos de um povo que trazia a natureza consigo.

Ritmados pelos passos da roda, de mãos dadas, pareciam que eram um só, falando a mesma língua e saudando a vida e a alegria daquele encontro, evocando coisas boas para o menino. Olhando de perto, pareciam crianças de todos os tamanhos. Quem é curumim nunca deixa de ser!

Até onde o vento soprou se sabe que Zenzo voltou para perto das árvores, da água mais cristalina que se pode imaginar,







brinca com os passarinhos cuidando deles e sendo amado por eles. Ele já deve até fazer da boca bico e cantar igual os bichinhos, como fez outro dia com o trio lápisde-cor.



### Ana Flávia

Eu sou gente grande, mas nunca deixei de ser criança, por isso, escolhi ser palhaça. Desde menina, sou encantada por livros, pelas palavras, histórias e cores. Ah, e o cheiro de livro novo me deixa bem feliz! Quando leio um livro para um trio de crianças que tenho, nos tornamos um só e viajamos pela imaginação de mãos dadas.

# Quando Isasce uma Palhaça



# Quando Nasce uma Palhacc

### Quando Masce uma Palhaca

Um dia, uma Muskyta me contou que ao nascer uma palhaça na vida de alguém e no mundo, nasce também uma história que é só dela e de mais ninguém, como as linhas emaranhadas na pontinha de cada dedo da gente. E essa história é daquelas que a gente carrega para sempre.

Essa Muskyta não parava quieta, magrinha, toda serelepe, se equilibrava no ar, dançava com o vento, enquanto soprava seus voos com palavras floridas. Soprava mesmo, pois bicho que voa sopra as palavras, embala-as no ar e elas chegam como uma brisa alegre nos ouvidos da gente. Muskyta pintava uma infinidade de paisagens, tomando a mão de quem escutasse e apresentando esses mares, florestas e desertos. E, para mim, ela revelava o mistério.

Um olho no microscópio, para dentro, e o outro numa luneta, para fora. Lembra quando a gente é criança e do nada a gente cria tudo? Pronto. Lugar de palhaça é o de guerer. Querer viver, guerer ser, querer brincar, querer construir, querer encontrar...

Comecei a entender. Olhei para esse monte de quereres que carregava no peito, essas estrelas esperando para brilharem, para esse rebuliço na alma que parece uma festa surpresa antes do aniversariante chegar. Pequei isso tudo e quis brincar de ser alguém, maior que eu, diferente do que sou eu e, ainda assim, eu.

Nós temos a habilidade de guardar as memórias, algumas bem poderosas, nas gavetinhas dentro da gente, tudo organizado: uma queda de cara no chão ou



quando riem do seu cabelo na escola, mas também o cheiro do carinho da vó, um abraço apertado de uma amiga ou uma música que ouvimos nossos pais cantarem. Para uma palhaça, a inspiração e a memória andam de mãos dadas.

Memórias como Graycielle, seus olhos redondos e claros, cor de mar, magrinha e parecida com Muskyta. O encontro teve um jeito de sonho, como se o mundo tivesse parado de respirar um pouco, como se o primeiro encontro já fosse um reencontro, nesse contato com o mistério. Muskyta me contou, mas agora quem vai contar sou eu.

Quando Nasce uma Palhacc

Quando a conheci brincava vivendo minha palhaça Muskyta junto a dois paspalhos, tão tontos quanto eu, e a sua primeira atitude ao ver aquele trio de paspalhos foi esconder o rosto nas cobertas, como se entrasse na sua caverninha particular. Quando

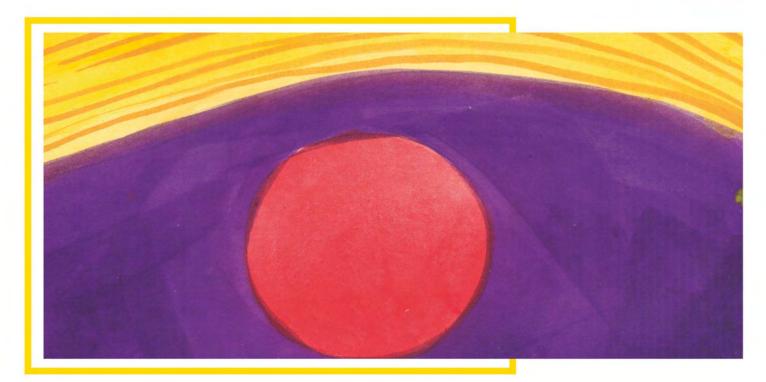
isso acontece, da criança recolher os olhos assim, a gente tem que procurar outra porta para entrar.

Foi quando se ouviu uma música no piano de caixinha que começamos uma história, tendo como ouvintes as paredes brancas, os apitos das máquinas e a moça que cuida de coisas importantes, também curiosa na porta onde Graycielle se escondia nos lençóis.

Quando estava vindo para cá, andando pela rua, diante dos meus olhos eu vi, e parece só eu que via, uma árvore desfolhar. Olhei para os lados e pensei: Ninguém vai dizer nada? A árvore ficou pelada, peladinha, minha gente! No meio da rua!

Graycielle, timidamente, foi saindo da sua caverninha, com olhos mais interessados. Muskyta seguiu inventando seus causos, histórias sobre príncipes que viraram sapos e relatos de quando voava por aí.

— Sabia? Sabia não? Um dia desses passei por um arco-íris, e eles têm cheiro de pipoca! E, quando cai a noite, eu ando com meus amigos vagalumes, que brilham sem ajuda de ninguém



com a lamparina que têm na bunda!

Com o tempo, os olhos de Graycielle já eram outros, vinham agora acompanhados de um sorriso. E começou uma confusão, os dois outros paspalhos a dizer para Muskyta que ela não podia ter falado bunda, falar "bunda" não pode! Mas quem falou "bunda" primeiro? Uma longa discussão se seguiu, e era um tal de bunda pra cá, bunda pra lá, bunda, bunda, bunda... No meio disso tudo, veio a resposta de Graycielle, já de olhos e portas bem abertos, onde o sorriso tomou forma e virou uma grande gargalhada!

Uma palhaça só é capaz de romper a casca, de despontar na terra, de nascer, com os olhos cúmplices de alguém vendo. Um sorriso que nasce desse encontro, por mais rápido que possa ser, cria uma relação de afeto e memória.

Às vezes tudo que a gente



Quando Nasce uma Palhaca

Quando Nasce uma Palhaca

quer é esquecer um pouco da gente, esquecer um pouco dos remédios e dar uma sonora gargalhada. Que esse desejo de criar nunca se esgote! Ter conhecido e conseguido trazer Graycielle para fora daquela sua caverna, enche a vida de força e ensina que ela é feita de pequenos recomeços.





# Olga Ferrario

Desde pequena tenho familiaridade com o invisível, criava mundos e, claro, histórias! Porque elas podem abraçar tudo, as histórias aproximam os povos. Por isso decidi ser atriz e palhaça. Para ser uma contadora de histórias, uma pessoa capaz de se transportar para ser outras, já pensou? E se eu virasse uma mosquita? Bzzz...

Oggem



A palavra coragem se parece com a palavra coração, até mesmo na quantidade de letras. Mas, não é só isso. "COR" vem de coração, "AGEM" vem do verbo agir. COR + AGEM = CORAGEMque quer dizer AGIR COM O CORAÇÃO.

Tudo começou com ela na frente daqueles dois tipos um pouco excêntricos — um deles era um grandalhão, todo bobão; a outra tinha os cabelos espetados, trejeitos incomuns e segurava um violão. Sozinha, sem nenhum acompanhante por perto, a menina parou e olhou fixamente para as duas criaturas. Não tinha mais que sete e nem menos que cinco anos e, como plantou os seus pés ali, ninguém sabe. Talvez algo como "PLUFT!", aparece uma fumaça e a mágica acontece.

Sabe como é? Pois é, deve ter sido exatamente assim.

Estavam no local onde tratam o nosso motorzinho interno, a maquininha que bate-bate dentro da gente, mas às vezes vem descompassada já de fábrica e precisa de cuidados: o coração. E, depois de terem se observado de lá e de cá, uma daquelas figuras excêntricas perguntou:

- Como é o seu nome?
- Ciça!
- Oi, Ciça!!! Eu sou a doutora Baju e esse aqui é o...
- Ó meu oação!... Falou rapidamente, colocando a mão no próprio peito.
  - Posso tocar?
  - Aham...
- Nossa, Ciça!!! O seu tumtum tá muito acelerado!
  - Aham...

- Você tá com medo da gente?
  - Aham...
- Entendi... É... Então, Ciça, a gente vai ali falar com as outras crianças, certo? Quer seguir a gente?

A cabeça de Ciça fez como a da lagartixa, balançando para cima e para baixo com um sim. A doutora, com seus cabelos espetados, nem podia acreditar, jurava que a pequena sairia em disparada para outra direção. Mas que nada! Apesar

das batidas ligeiras do seu tum-tum demonstrarem receio e desconfianca, Cica fez uma escolha inesperada e lá seguiu com aquelas duas criaturas por todo o tempo, até que chegasse a hora deles se despedirem:

— Depois de amanhã a gente vem aqui de novo, Ciça!

A pequena acenou de volta, porém, o seu corpo estava todo em suspensão, como alquém que voa e fica parado no ar... Talvez nem pensasse que chegaria o momento daquelas criaturas irem





embora. Foi pega de surpresa, dava para ver na sua expressão.

Chegou noite, chegou dia, chegou noite, chegou dia e... o dia que era "depois de amanhã" chegou e virou hoje num piscar de olhos. Ao se reencontrarem com Ciça, a figura estranha, que se dizia doutora, voltou a perguntar:

- E hoje, Ciça, o tum-tum tá acelerado?
  - Tá.
- Hummm... Entendi... Eu posso tocar?
  - Ode.

O coração de Ciça parecia um cavalo de corrida, aquele mais veloz e que chega em primeiro lugar.

- Nossa, Ciça!!! O seu tumtum tá fazendo muitos tum-tuns, tá mais ou menos assim, ó: tum-tum, tum-tum, tum-tum, tum-tum, tumtum, tum-tum, tum-tum, tum-tum, tum... Ufa!!! Chega fiquei cansada. Mas, me diz uma coisa, você



ainda tá com medo da gente?

- Não.

A pequena Ciça, com um jeito que era só dela, surpreendeu as duas criaturas. A cada encontro, ela se misturava mais e mais no meio delas e ria tanto que escancarava o janelão cheio de dentes. Não parecia ser aquela menina dos primeiros dias. Ousada e destemida, a pequena logo se tornou uma ajudante daqueles dois excêntricos que se diziam ser doutores. Abria a porta da enfermaria e dizia, toda empolgada:

— A-ju! Ar-elo! Ó, tem iança a-í!

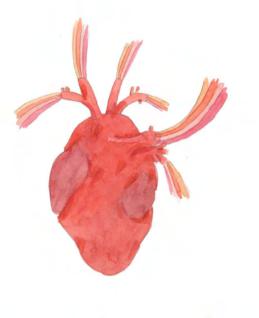
Assim, Ciça desempenhava o seu novo trabalho de porta em porta, até que um dia, ela comunicou uma novidade:

— A-ju, eu vou pa casa! Foi uma celebração geral. Os dois excêntricos ficaram tão animados que nem notaram as



bolsas de viagem de Ciça. Ela já havia tomado banho e estava só aguardando a chegada dos dois "doutores" para comunicar a sua alta médica — não via a hora de voltar para casa. No entanto, a doutora Baju se despediu sem tempo de assimilar a informação e disfarçou tentando organizar os cabelos. A sua cachola parecia um salão de reunião, cheio de ticos e tecos que tentavam entender a notícia.

Mas a explicação é tão simples quanto um sorriso que surge no meio da boca. Ciça escolheu seguir o caminho do coração. Talvez ela entendesse bem dos batimentos do seu tumtum. Assim também é o caminho da coragem, a sabedoria diz: "A vida começa onde termina o medo".



### Tuliana de Almeida

Eu sou atriz há dezoito anos, sou palhaça (já tive até uma banda, "As
Levianinhas") e sou mais conhecida como Doutora Baju ou, apenas, Baju.
Sou louca por sorvete de nata-goiaba, creme-russo e delícia de abacaxi.
Também sou louca por música e ouvir diversos tipos de som me interessa
muito, como o som do coração, por exemplo.

### Ew vi um Rei



### En vi um Rei

Não havia castelo ali, como também não se imaginaria encontrar um rei. Hoje em dia, então, nem se fala, cada vez mais difícil ver reis por onde andamos. Ainda mais onde estou, tudo é tão real e concreto que raras vezes acontece de algo surpreender. Dizem que na verdade a nobreza vem é de nascença: tem gente que nem precisa de coroa ou título para ser rei. Basta ser!

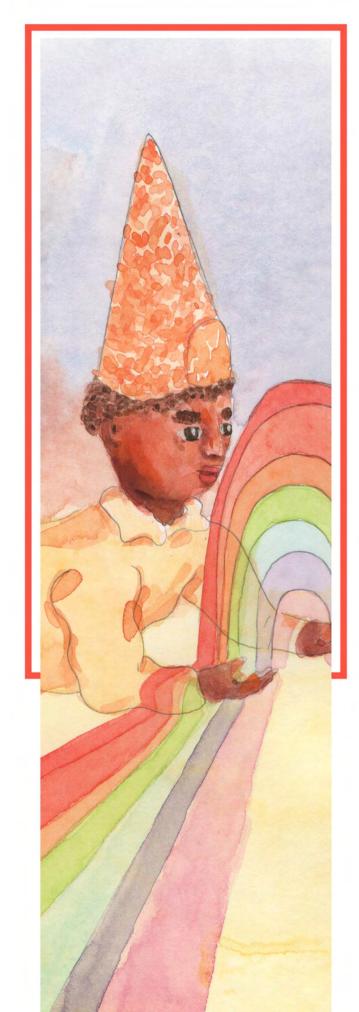
Tem gente que quer ser o rei do pedaço, mas Reginaldo nem precisava. Era assim, dessas nobrezas de nascença. Desde que chegou aqui ele reinava no quarto ao lado do seu pai e da sua mãe. Seu trono não era uma cadeira imponente, mas uma cama de ferro cromado na cor branca elegantemente forrada. No centro, ele era soberano. Sem falar uma só

palavra, tocamos para sua realeza se alegrar, como assim faziam os antigos bobos da corte, como nós somos até hoje.

Ele olhava para um lado,

depois para o outro, como se dissesse o que não se diz. E quase pensamos no que era inevitável: sair de fininho! Talvez com medo do berro alto que soaria alarmando todos os aposentos. Mas ele nos surpreendia e balançava seu corpo sentado para frente e para trás, acompanhando o ritmo do momento, e um olhar aliviado nos tranquilizava. Suas altezas, a mãe e o pai, ficaram encantados com a reação do rei, pois eles não sabiam e jamais suporiam que no seu castelo houvesse ainda bobos da corte, coisa rara!

Um momento solene era esperado para arrematar como



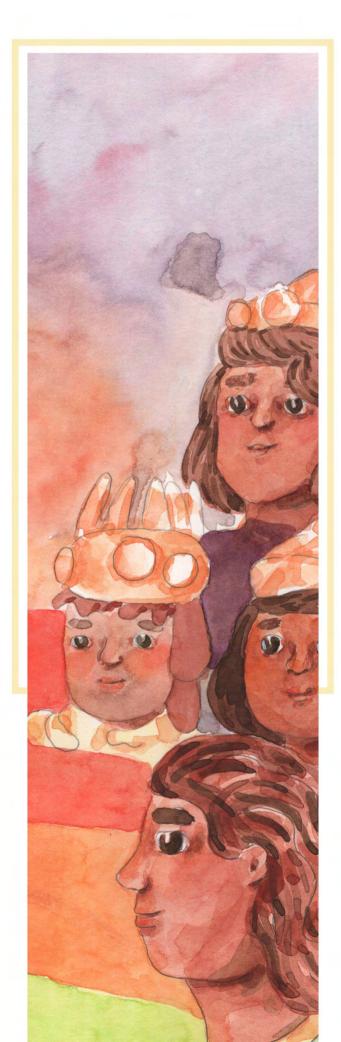
um grande final. O Rei Reginaldo retiraria sua coroa — um boné de frio — como se agradecesse a nossa visita e ainda bateria palmas. Sairíamos dali orgulhosos, afinal nem todo bobo tem o rei que merece.

Mas aquele dia foi diferente, havia sido um dia com uma sequência de ritmados encontros bailantes. Até que foi anunciado em alto e bom som que o rei havia trocado de quarto real e passou a ocupar um reservado no alto da torre — uma enfermaria da UTI. Chegamos até lá depois de ter escalado vários degraus, a sua reação à visita dos bobos não foi como outrora. Reginaldo olhava como quem diz um adeus aos poucos, sem esforço, mas sempre elegante, como todo rei é, mesmo em horas bem inoportunas.

Até que soubemos em um dia inesperado que o Rei Reginaldo foi para um outro reinado, além

das fronteiras da imaginação. Não teve bilhete, nem aceno, nem um boato fofocado. Soubemos porque procuramos saber sobre um rei amado. Diante da notícia da sua morte, restava agora guardar as coisas amadas e a lembrança do primeiro e grande encontro do rei e seus bobos.

Naquele último encontro, ele havia dito tudo sem pronunciar uma palavra sequer. Até hoje agradecemos a ele por não ter nos avisado, pois para todo bobo nem tudo se revela. O nosso encontro foi real e, agora sabemos, existem reis de verdade mesmo sem castelos. Somos da sua realeza e por esses reis, que nem sabem que são, vale muito a pena ser bobo.





### Luciano Pontes

O mundo é habitado de histórias, somos cheios delas. Cresci ouvindo, tive sorte! As histórias fazem a gente acreditar nelas. Se é verdade ou mentira? Não importa! Agora eu escrevo e desenho, conto e vivo elas também. Ah! Já vi reis na barriga, reis negros dançando em corte real, e isso é sensacional.

Cakelos de Algodão





## Carefos de Algodao

Ela era a pessoa mais
falante daquele lugar. Cabelos
branquinhos feito algodão, dos
quais ela se orgulhava muito, e
fazia questão de mantê-los bem
penteados. Camisola muito limpa
e bem passada, Dona Rosa estava
sempre com aquele cheirinho de
quem acabou de sair do banho.
Vaidosa. Certa vez, me pegou pela
mão e perguntou:

— Como é lá dentro daquela sala misteriosa? Eu nunca vi.

As pessoas até conseguem ir àquele lugar sem reclamar e até demonstram muita simpatia por todos que trabalham ali, afinal, eles cuidam de toda a gente. Mas essa simpatia acaba em um estalar de dedos quando se fala naquela sala misteriosa no final do corredor, porque a imaginam um lugar nebuloso e estranho, como um

trem fantasma, ou como um portal sombrio e perigoso, que leva para outra dimensão.

Dona Rosa estava com medo de muito em breve precisar ir a essa sala estranha, ficar lá sozinha, sem a sua família, sem ter alguém por perto para segurar a sua mão. Entendi que, para a senhorinha dos cabelos de algodão, a sala desconhecida era tão assustadora quanto o cachorro feroz que latiu para mim semana passada, quando eu atravessava a rua.

Para acalmá-la, decidi contar
o que encontro quando atravesso
o portal sombrio e perigoso que
leva à sala misteriosa: muitas
pessoas, que a todo momento
passam para lá e para cá,
atendendo outras que precisam
de ajuda. Uma Especialista em
Cuidados que sabe desenhar

rinocerontes; um Ajudante para
Situações Difíceis que coleciona os
sons da felicidade; uma Auxiliar
de Ordem e Limpeza, que canta
músicas para fazer levitar objetos
— depois recolhe-os em pleno ar.
Definitivamente ela não estaria
sozinha ali. Será que tudo o que eu
falei afastou o medo do coração
da Dona Rosa? Não sei. O que ela
gostaria mesmo de saber era se
ao acordar lá dentro haveria ao
seu lado um rosto conhecido que
a fizesse lembrar do quintal da
casa de sua infância, do baile da

adolescência, do cheiro de bolo assado aos sábados, do carinho da sua mãe. Lembranças boas que também acarinham o medo.

Não tive tempo de contar
para Dona Rosa a história dos
dois bebês corajosos. Eles fazem
movimentos engraçados com
os braços e as pernas, tomam
mamadeira e choram para avisar
que a fralda está suja. São iguais
a todos os outros, porém são
diferentes: têm apenas alguns
meses de vida e já estão lá dentro
da sala misteriosa — aquele



Cabelos de Algodão

mesmo lugar onde a senhorinha do cabelo de algodão tem medo de ir. Ninguém vai aparecer para lembrá-los de dias mais felizes, porque eles não têm família. Estão ali sozinhos.

Dona-Rosa-do-cabelode-algodão, eu coloco o nariz vermelho, visto um jaleco branco onde se lê "Doutores da Alegria", entro naquele lugar misterioso com alguém que faz bobagens sérias junto comigo. Canto e danço para aqueles dois bebês e penso: "Será que se sentem sozinhos?"

Lembro da senhora, Dona-Rosa-do-cabelo-de-algodão, e seguro a mão de um deles por um momento. Enquanto canto, seus olhos me seguem, vejo uma mãozinha se erguer tentando agarrar o pandeiro; no berço ao lado, uma cabecinha se vira para seguir o som da música — percebe quando vou mais para longe, quando chego mais para perto.



"Será que eles também sentem medo?"

Procuro olhá-los nos olhos ágeis e curiosos como um par de esquilos — para que entendam que vim somente para encontrálos, vim para brincarmos juntos. As outras pessoas que já estavam na sala misteriosa se aproximam e os chamam pelos nomes — há muito amor ali. Os bebês corajosos riem. Eu, uma Fazedora de Bobagens Sérias, desejo com meu ofício lembrá-los dos muitos dias felizes que ainda virão. Desejo que eles não sintam medo, nem solidão, nem tristeza, ou qualquer dessas coisas-de-gente-grande-que-nãosão-coisas-de-criança.

Desejo que eles lembrem o quintal da casa futura, o aconchego dos amigos da escola, os bolos fofinhos dos próximos aniversários. Sou apenas uma boba e não sei se todos os desejos se realizam, mas desejo que os bebês sigam



brincando; e, brincando, espalhem a coragem por toda a sala. E, sorrindo, a coragem fuja pelo portal; e, correndo, a coragem inunde os corredores; e, chegando ao quarto, a coragem tinja com todas as cores do arco-íris os cabelos brancos de Dona Rosa.



A sala misteriosa se chama UTI. Significa Unidade de Terapia Intensiva, para pessoas que precisam de mais cuidados que as outras.



Quando eu era criança não havia livros na minha casa, mas o meu avô me contava muitas histórias. Depois, descobri que as histórias também estavam escritas nos livros e percebi que meu avô era como uma biblioteca. Eu adoro ler livros: é como ouvir vovô contar histórias só pra mim.

ESCURO MÁGICO.



# ESCUDO MÁGICO

Era uma menina bem
pequenininha, mas tão
pequenininha que parecia caber
na palma da mão sempre que se
falava em palhaço perto dela. Ela
tinha acabado de chegar ali. Como
tudo era novo naquele lugar, para
ela palhaço poderia ser a mesma
coisa que mula-sem-cabeça, boitatá ou bicho-papão, por isso se
recolhia na proteção do colo de
sua mãe.

O homem-que-era-palhaço sentiu na pele como era ser mula-sem-cabeça quando encontrou a menina pela primeira vez. Ela choramingou se escondendo debaixo de uma fralda como se fosse um escudo mágico para as horas de perigo. Parecia mágico mesmo, porque não se conseguia chegar perto ou ultrapassar as tramas da fralda para explicar o

inexplicável. Estavam ali os dois, menina e palhaço, separados pelo medo e pelo escudo de proteção.

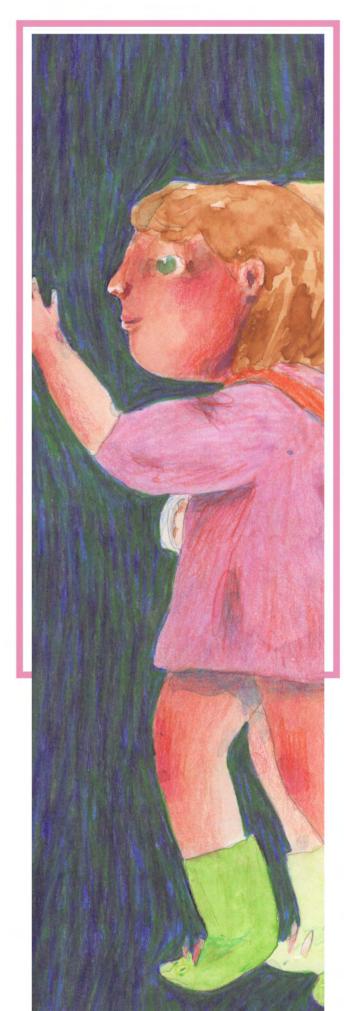
Como um pedaço de pano podia fazer sumir assim alguém de vista? Pensava o homem quando não era palhaço. Aquele foi um dia que só estava acordando, pois tinha muito trabalho pela frente. Decidiu seguir ao encontro de outras crianças que estavam naquele lugar. E, enquanto brincava de ser esperto, de vez em quando escapava da mira das crianças e buscava ver os olhinhos da Menina saírem debaixo daquela fralda mágica.

Uma serenata aqui, outra
trombada na porta acolá e uma
fuga às pressas pelo corredor
comprido faziam as horas
passarem despercebidas. O tempo
brincou também e, pouco a pouco,

a Menina foi percebendo que o homem-que-era-palhaço não era bem um bicho de sete cabeças e, finalmente, decidiu sair de trás do escudo mágico.

Aquele era um bom sinal. O homem-que-era-palhaço se aproximou da Menina e para começo de conversa perguntou o seu nome. MENINA, ela disse rapidamente. Ele ficou meio confuso com aquela resposta e cambaleou de um lado para o outro como se tivesse levado um choque. E ela, percebendo que ele girava tonto que nem pião, repetiu o seu nome inventado, como se acabasse de descobrir um encantamento que podia protegê-la.

Aquilo bastou para ele, que não insistiu em saber mais nada. Contou que era palhaço e seu nome era ADO, mais conhecido como DOUTOR ADO. A Menina deu uma risada nervosa, mas não



chorou ao saber daquilo. Sem mais nem menos ela repetiu: MENINA. Mais uma vez, ele cambaleou zonzo pelo quarto. Naquele momento, souberam que havia um mistério entre os dois. A cada encontro, a Menina e o Palhaço tinham de lidar com os seus medos. Ela o medo que tinha de palhaço, e ele o medo de nunca conquistar a amizade da pequena.

Havia uma grande aliada nessa aventura. A mãe da Menina incentivava a filha a falar e a brincar com o Palhaço. Era notável o desejo dela em ver o medo da filha passear bem longe dali, deixando os dois se divertirem como bobos.

A cada dia que passava, o Palhaço e a Menina descobriam novidades juntos. Primeiro, com as bolhas flutuantes que espirravam quando estouradas. Depois, com a vaquinha de estimação, a Mimosa, que dançava até desmaiar e só

se levantava quando a garota ordenava. Inventavam muitas aventuras, e o mistério se mantinha entre eles.

Mas houve um dia, como sempre na vida há, que no último encontro dos dois, antes da pequena ir embora daquele lugar, já não havia mais escudo mágico, nem bolhas flutuantes, nem a vaquinha Mimosa requebrando até se cansar. Apenas a alegria do encontro do Palhaço e da Menina para mais uma brincadeira. Cantavam e dançavam no quarto quando, de repente, apareceu a mãe da menina na porta e anunciou distraída:

- Maíla, é hora de irmos para casa!

Tudo parou quando se ouviu o nome verdadeiro da Menina. Parecia até que um raio havia caído ali. Aquele nome revelado, assim sem mais nem menos, provocou muito espanto na garota, que



começou a chorar e voltou a se esconder debaixo da sua fralda mágica. O medo de outros tempos parecia ter voltado com toda forca, e ela já não queria saber de brincadeiras por ali.

Percebendo a delicadeza daquele momento e sem sair do lugar, o Palhaço disse para a mãe da Maíla que o nome da garota, naquele quarto, era Menina. Ela seria para sempre sua amiga Menina. Que era esse o nome pelo qual se lembraria dela e que não poderia ser outro.

Ouvindo isso, a Maíla parou de chorar, criou coragem e saiu debaixo de seu esconderijo mágico. Ela correu até a porta e agarrou a mão da sua mãe. Estava feliz em voltar para sua casa. As duas seguiram pelo corredor em direção à saída daquele lugar. O homem-que-era-palhaço ficou de longe, paradinho, observando tudo. Já com o coração partido

com aquela despedida fria como gelo. Chegando ao portão, antes de desaparecerem escada a fora, a Menina parou, olhou para trás, levou a mão aos lábios e mandou um beijo para o seu amigo Palhaço.





Eu sempre gostei de histórias, a minha infância é cheia delas. Muitas eu ouvi da minha tia Artemis, quando eu passava férias na casa dos meus avós. Monstros, seres de outros planetas, princesas e reinos encantados, aparecia de tudo em suas histórias. Acho que ela adoraria ler esta que escrevi sobre a amizade entre uma Menina e um Palhaço.

UM MAR DE GENTE



Foi no meio de um mar, não de um mar como sabemos que ele é com água, sal e areia, mas um mar de gente, que os mergulhadores mais preparados e mais bobos, se lançaram em um mergulho para desbravar águas profundas, cheias de surpresas e diversão. Lá encontraram muitos corais de vários tamanhos, algas, e muitas crianças, quero dizer, peixes. Na verdade, um cardume de peixes vindos de todos os lugares, de vários mares, rios, lagos e até aquários. Tinha peixe saltitante, peixe curioso, peixe rápido feito uma flecha, peixe observador. Todos bastante ansiosos, inquietos e às vezes até medrosos, para encontrar os peixes dos peixes. Um peixe que estudou coisas que nem todo mundo estudou. Ele entendia

desde nadar de lado até quem dormisse debaixo d'áqua. E assim, quase tudo era resolvido. Às vezes até com uma simples injeção! Ai! E quem gosta de levar injeção e, às vezes, até chorar? Eu penso que ninguém, não é? Mas espera aí... e peixe chora dentro d'água? Ah, deve ser por isso que o mar tem tanta água.

Em um dia, nesse mar de gente, apareceram dois bobos mergulhadores. Lá estavam eles por entre os peixes, peixinhos e peixões. Cada um do seu jeito, usava uma camisa de manga comprida colorida, com calças folgadas presas por suspensórios, óculos de mergulho e tocavam violão tentando fazer o mar borbulhar de alegria e animação. Um mergulho ali,

uma criança, digo, uma peixinha pulava e entrava no bolso. Outro mergulho aqui, e outro garoto, digo peixinho, se pendurava nas cordas do instrumento. Uma confusão! No meio de braçadas e remadas naquele mar agitado, redemoinhos, ondas e tudo ficando confuso e turvo, surge uma luz bem forte e colorida. Um pontinho de cor no meio daquele mar agitado e incolor.

A luz daquele pontinho colorido era tanta que aquele mar agitado se abriu para ver o que era. Tudo foi se acalmando, se aquietando e a nitidez daquele pontinho de cor se formando. Era uma criança, minto, uma menina, digo, uma peixinha muito elegante, com escamas coloridas que brilhavam muito. Era um conjunto de escamas brilhantes nunca visto antes por todo aquele mar. Totalmente diferente de todos os



Um Mar de Gente

peixes, peixinhos e peixões que estavam ali. Era como uma pérola cintilante de uma luz bem forte. Uma peixinha com sapatinhos saltitantes, cabelinho penteado como as ondas do mar, com um diadema de laço azul escarlate. Você acredita que ela até usava uma bolsinha feita de algas marinhas verdes? Pois, acredite! E carregava na sua boca pintada de vermelho um sorrisão de ponta a ponta. Os dois bobos mergulhadores ficaram mais bobos do que nunca e soltaram bolhas falantes.

- Como você está linda! E que elegância!
- Obrigada! É que eu sou mesmo vaidosa!

Os dois bobos mergulhadores se olharam e boquiabertos se espantaram com tamanha esperteza daquela peixinha colorida. Então, os dois bobos



perguntaram:

Nessa hora todos os peixes, as mães e os pais dos peixes, dos peixinhos e peixões, o mar, o vento, a água do bebedouro, a impressora da recepção, pararam para ouvir e ver a resposta dela. Olhando para todos, mexeu a boca pintada de vermelho e abriu as

pequeninas barbatanas apontando

— E o que é ser vaidosa?

— Ser vaidosa é ser assim: chique!

para si mesma:

Ouviram o que ela disse e veio uma onda como uma marola, calma e tranquila nas águas, acompanhada de risos borbulhantes de todos os peixes que estavam ali. Tudo pareceu ficar mais leve no meio daquele mar. O que estava turvo ficou azul, os corais ganharam mais cores, a correnteza ficou mais calma, e do horizonte surgiu um arco-íris





brilhante que se desenhava por todo o céu. E aquele pontinho de cor vaidosa que na verdade era uma criança, quero dizer, uma peixinha sabida, fez naquele momento o mar de gente se agitar em um exuberante aquário.



### Tiago Gondin

Nasci em Recife, cidade conhecida pela praia de Boa Viagem onde pratiquei mergulho entre os arrecifes e conheci muitas espécies de peixes, peixinhos e peixões. Menos tubarão, porque eu mergulhava antes da quebrada das ondas. Descobri que o peixe-zebra tem mais listras de um lado do que do outro. E, com meu violão, formei um coral de peixes cantores chamado "Borbulhas Salgadas".

### **SOBRE DOUTORES DA ALEGRIA**

Doutores da Alegria é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que introduziu a arte do palhaço no universo da saúde, intervindo junto a crianças, adolescentes e outros públicos em situação de vulnerabilidade e risco social em hospitais públicos.

Fundada em 1991, a
associação transita pelos campos
da saúde, da cultura e da
assistência social e é reconhecida
e premiada internacionalmente
pelo impacto de suas ações. Em
2016, Doutores da Alegria se
reposicionou a partir de uma nova
governança e uma nova tarefa
institucional que reforça a cultura
como um direito de todos.

Com o Programa de Palhaços em Hospitais, já realizou mais de dois milhões de intervenções e hoje atua em 8 hospitais de São Paulo e 5 em Recife. No Rio de Janeiro, com o projeto Plateias Hospitalares, desenvolve a curadoria de uma programação artística permanente e gratuita em 7 hospitais do estado, ampliando as relações entre arte e saúde.

A Escola Doutores da Alegria
traz dois sistemas de formação —
um para o público em geral e um
para artistas. Entre suas iniciativas,
destaca-se o Programa de
Formação de Palhaço para Jovens,
que oferece a jovens em situação
de vulnerabilidade social uma
iniciação na carreira artística.

A organização desenvolve ainda espetáculos e intervenções urbanas. O trabalho é gratuito para os hospitais e mantido por doações de empresas e pessoas. Saiba mais em doutoresdaalegria.org.br e em facebook.com/doutores.

### FICHA TÉCNICA DOUTORES DA ALEGRIA

Wellington Nogueira Fundador

### DIRETORIA ESTATUTÁRIA Gestão 2020/2021

Luis Alberto Vieira da Rocha Diretor Presidente

Daiane Carina Barbieri Ratão Diretora de Relações Institucionais

Lourdes Atié

Diretora de Formação

Ronaldo Aguiar

Diretor Artístico

Simone Pimentel

Diretora Financeira

### Comunicação

Cristina Cardoso

Coordenadora

Gabi Caseff

Produção de Conteúdo

Bruno Tavares

Danilo Lima

Criação e Design

Edna Nunes

Pollyanna Diniz

Assessoria de Imprensa

### COLETÂNEA CONTA CAUSOS

Arilson Lopes e Luciano Pontes

Organização

Simone Mendes

Ilustração

Ronaldo Aguiar

Apresentação

Ronaldo Correa de Brito

Prefácio

Ana Flávia - Dra. Nana

Arilson Lopes - Dr. Ado

Eduardo Filho - Dr. Dud Grud

Fábio Caio - Dr. Eu\_zébio

Greyce Braga - Dra. MonaLisa

Juliana de Almeida - Dra. Baju

Luciana Pontual - Dra. Svenza

Luciano Pontes - Dr. Lui Marcelino Dias - Dr. Micolino Marcelo Oliveira - Dr. Marmelo Olga Ferrario - Dra. Muskyta

Tiago Gondim - Dr. Gonda

Wagner Montenegro - Dr. Wago Ninguém

Autore

VouSer Acessibilidade

Audiodescrição e Libras

Andreza Nóbrega e Thiago Cerejeira

Audiodescritores roteiristas

Thiago Cerejeira

Consultoria

Andreza Nóbrega

Audiodescritora narradora

Efraim Canuto

Tradução/interpretação em Libras

Juliana de Almeida

Paisagem sonora

William Oliveira

Vídeo

Letícia Lima

Consultoria

Heber Costa

Revisão

Danilo Lima

Design/Arte

Nice Vasconcelos

Produção

Wagner Montenegro

Produção Executiva

Ateliê da Escrita

Braille

Piffer Print

Impressão



Ficha Técnico

### Apoio





### Incentivo







